

Robert Vannoy , História do Antigo Testamento, Aula 15

A Narrativa do Dilúvio (Gen. 6-9)

E. História do Dilúvio

1. A Extensão do Dilúvio 2. A Duração do Dilúvio

Começamos nossa discussão sobre Gênesis 6-9, a história do dilúvio, e discutimos 1. sob E., que é, “A extensão do dilúvio”. 2. é onde começamos, que é “A duração da enchente”, e apenas um breve comentário ali. Você lê no capítulo 7, versículo 11: “No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, aos dezessete dias do mês, no mesmo dia em que se romperam as fontes do grande abismo, e as janelas do céu se abriram. aberto.” Então é o décimo sétimo dia do segundo mês do sexagésimo ano de Noé. Em Gênesis 8:14, você lê que no segundo mês, no vigésimo sétimo dia do mês, a terra secou. Assim, no dia 27 do ^{segundo} mês do ano seguinte, a terra estava seca o suficiente para ser habitada novamente. Então você tem um ano mais 10 dias. Agora tem havido muita discussão sobre isso que não vou entrar em detalhes. Perguntas como: o escritor estava falando de um ano solar ou de um ano lunar? Se você quiser saber o número exato de dias, estamos, é claro, acostumados com um sistema de ano solar. A maioria das culturas antigas tinha um ano lunar. Isso faria alguma diferença no número total de dias. Mas, de qualquer forma, é aproximadamente um ano. Dez dias a mais que um ano. Então, novamente, como discutimos na última aula, porém, esta não foi uma inundação anual normal. Isso era algo de uma magnitude incomparável.

3. A Causa do Dilúvio

3. na sua folha está: “A causa da inundação”. Quero passar um pouco de tempo discutindo a causa. Acho que você encontra isso especificado no capítulo 6, versículos 5 a 8, onde lê que “Deus viu que a maldade do homem era grande na terra e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era apenas má continuamente. E o Senhor se arrependeu de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração, e o Senhor disse: 'Destruirei da terra o homem que criei: tanto o homem como os animais, os répteis e as aves . dos céus, porque me arrependo de tê-los feito.’” Agora, essa é uma afirmação muito

forte sobre a maldade do homem ser a causa do julgamento de Deus. Se você refletir sobre o versículo de Gênesis 6:5, acho que você vê como os superlativos estão empilhados, você poderia dizer. A intensidade do mal foi grande. A maldade do homem era grande. A intensidade do mal era grande com a interioridade do mal. Toda imaginação do pensamento de seu coração era má. A inclusão do mal: é *toda* imaginação do seu coração. A exclusividade do mal: era *apenas* o mal. E então a continuidade do mal: o dia todo. A King James diz “continuamente”. Literalmente em hebraico era “o dia todo”. Então você vê sua intensidade, sua interioridade, sua abrangência, exclusividade e continuidade. Se você olhar em 6:12, terá outro comentário sobre o mal. Se você olhar mais alguns versículos em 6:12, “Deus olhou para a terra e eis que ela estava corrompida porque toda a carne havia corrompido o seu caminho na terra”. E então 8:21 diz: “Não voltarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua juventude”. Em outras palavras, o mal é congênito; não é aprendido. Algo posterior à queda que é característico do homem como homem. Ele tem uma natureza pecaminosa. Ele é mau desde a juventude. Então, quando falamos sobre a causa do dilúvio, é a maldade do homem. Deus deixou isso passar, por assim dizer, sem controle, até este ponto e então o julgamento vem na forma do dilúvio.

4. Filhos de Deus e Filhas dos Homens – Gênesis 6:1-4

Agora, o capítulo 6 de Gênesis e esses versículos, particularmente o versículo 5, mas os versículos 5 a 7, que falam do motivo do dilúvio, são precedidos por uma passagem que tem causado muita discussão com relação à interpretação. É sobre isso que você leu em Vos, onde há o casamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens. 6:1-4. Acho que o que você tem em Gênesis 6:1-4 é uma ilustração ou exemplo do tipo de maldade da qual o Senhor está falando quando você chega ao versículo 5. Agora vamos ler 6:1-4. “Aconteceu que quando os homens começaram a multiplicar-se na face da terra e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram para si esposas de todas as que escolheram e o Senhor disse: 'Meu espírito não lutará para sempre com o homem, pois ele também é carne, e seus dias serão 120 anos. '

E havia gigantes na terra naquela época. E assim, quando os filhos de Deus se casaram com as filhas dos homens e lhes deram filhos, estes se tornaram homens poderosos, que desde a antiguidade foram homens de renome.” Agora, claro, a questão é: o que está sendo descrito aqui? Qual era a maldade ou o pecado envolvido nesse relacionamento entre os filhos de Deus e as filhas dos homens?

a. Abordagem mitológica Vários pontos de vista foram desenvolvidos. A primeira é a ideia mitológica, que é característica de estudiosos críticos que assumem que particularmente o livro de Gênesis contém muito material lendário mitológico simplesmente incorporado de material extra-bíblico. A ideia é que os seres divinos foram seduzidos pela beleza das mulheres terrenas, casaram-se com elas e deram origem a uma raça de gigantescos heróis da antiguidade, pessoas de grande poder e força. A ideia é que isso não é algo que realmente aconteceu, é apenas uma espécie de conto mitológico. Acho que a nossa visão do Antigo Testamento exclui isso como uma possível compreensão do que está acontecendo.

b. A Visão dos Anjos

A segunda visão é muito mais comum, particularmente comum na igreja primitiva, e não totalmente descartada hoje e é a ideia de que os filhos de Deus são uma referência a anjos, seres espirituais, e que eles tiveram um relacionamento físico com mulheres. Os descendentes desta união foram os homens poderosos, os Nephilim descritos no versículo 4. Agora, não estou convencido de que esta seja a melhor visão, e parece-me que existem algumas objeções que são bastante sérias. A primeira é, no versículo 3, que o castigo é para os homens, não para os anjos. Em outras palavras, se foram os anjos que violaram sua posição adequada e entraram neste relacionamento com as mulheres, seria de esperar que o julgamento recaísse sobre os anjos, e não sobre os homens. Enquanto você lê no versículo 3, o Senhor diz: “Meu espírito nem sempre contenderá com o homem, e seus dias estão contados, faltarão apenas 120 anos para o dilúvio”, e o julgamento virá sobre *eles*. Em segundo lugar, os anjos não são mencionados aqui nem

no contexto imediato nem mesmo no contexto mais amplo. Você se pergunta como teria abruptamente essa referência aos anjos, se era isso que pretendia ser. Em terceiro lugar, e recebo isto de William Henry Green. William Henry Green foi professor de Antigo Testamento no seminário de Princeton no início do século XX. Acho que mencionei ele antes. Foi ele quem interagiu com Wellhausen na época em que as teorias de Wellhausen foram consideradas profundas e seguidas. E ele é um excelente estudioso. Mas ele diz: “O conceito de anjos serem capazes de entrar em relações sexuais é totalmente estranho ao pensamento hebraico” e ele sente que não há base nas Escrituras para verificar se isso é algo que é visto como possível. Depois ele observa a afirmação de Jesus de que no céu somos como os anjos, não nos casando nem sendo dados em casamento. Os anjos não parecem ser seres sexuais pelo que diz a Escritura. Portanto, não tenho tanta certeza de que esta seja uma visão que mereça consideração séria. Aqueles que adotaram esse ponto de vista geralmente apelam para Judas, versículo 6, E você lê lá, em Judas 6: “Os anjos que não guardaram o seu primeiro estado, mas deixaram a sua própria habitação, ele reservou em cadeias eternas, nas trevas, até o julgamento de o grande dia.” A ideia é que Judas 6 esteja conectado com esta passagem e a referência em Judas 6 aos anjos deixando sua própria habitação é anjos deixando o céu para vir à terra e entrar neste relacionamento. Não tenho tanta certeza, no contexto de Judas 6, de que a saída de seu primeiro estado e de sua própria habitação deva ser entendida como algo espacial. Acho que é mais a ideia de que esse é o domínio de operação deles que o Senhor lhes deu. Não tenho certeza se isso é algo que deve ser entendido como espacial, mas a esfera de poder de operação delegada a eles, e eles escolheram dar um passo para fora e além disso, quando Satanás se revoltou e outros o acompanharam. Portanto, não tenho tanta certeza de que a passagem de Judas 6 realmente se relacione com esta passagem, mas geralmente é esse o texto ao qual recorreremos para apoiar essa visão angélica.

c. A Visão Setita

Uma terceira visão, que provavelmente é a visão mais comum que você encontra hoje, é aquela que Vos defendeu, e outros também, e isto é, que os filhos de Deus e as

filhas dos homens são equivalentes às linhagens Setita e Cainita. . E essas duas linhas foram contrastadas anteriormente em Gênesis. Vimos isso em nossa última aula. A linhagem Cainita caracterizada pela impiedade e maldade; a linhagem Setita , pela piedade. O pecado, então, é o casamento misto entre piedosos e ímpios. Então a ideia é que a linhagem Setita não é capaz de preservar a sua identidade como esta linhagem piedosa, exceto para a casa de Noé, houve a exceção, mas geralmente ela foi varrida junto com as pessoas ímpias. O interessante é que, como as duas linhagens se misturam, a iniciativa vem da linha temente a Deus, porque são os filhos de Deus, a linha setita , que, diz, “quando viram as filhas dos homens, foram belas. [essa é a linhagem Cainita] eles tomaram para si esposas de todas as que escolheram.” Portanto a iniciativa vem da linhagem temente a Deus, pois eles veem a atratividade da mulher Cainita.

Agora, acho que há alguns problemas com essa visão também. Acho que o principal problema inicial é que isso força o termo hebraico, para aqueles de vocês que já tiveram o hebraico, *ha'adam* , que é a palavra para homens/humanidade. Isso força *ha'adam* , ou homens, a ser entendido em dois sentidos diferentes no versículo 1 e no versículo 2. Veja, você lê no versículo 1: “Aconteceu quando os homens, *ha'adam* , começaram a multiplicar-se na face da terra, e nasceram-lhes filhas.” Bem, parece bastante claro que homens ali se referem à humanidade genericamente, à medida que o homem começou a se multiplicar. Quando você chega ao versículo 2, você lê: “Os filhos de Deus viram as filhas de *Ha'adam* , as filhas dos homens”. E aí, você é forçado a dizer, sob esse ponto de vista, que *ha'adam* significa especificamente a linha Cainita. Apenas uma classe dentro da humanidade. Isso significa que você deve interpretar *ha'adam* em dois sentidos diferentes, em dois versos sucessivos. Acho que você pode realmente questionar se há uma justificativa para fazer isso no fluxo das declarações. Parece muito mais provável que o que está sendo dito seja: “Aconteceu que quando os homens começaram a se multiplicar, os homens em geral, os filhos de Deus viram as filhas dos homens em geral. Eles eram justos e tomaram para si esposas de todas as que escolheram.” Parece que as filhas de ambos os versos são idênticas. Os homens são iguais. Você vê que tem filhas mencionadas em 6:1: “Aconteceu que, quando os homens

começaram a se multiplicar na face da terra, nasceram-lhes filhas”. Os homens se multiplicaram, nasceram-lhes filhas. “Os filhos de Deus viram as filhas dos homens.” Não são as mesmas filhas? Então isso é um problema, eu acho, com esse ponto de vista.

A segunda questão que pode ser levantada com esta interpretação é por que os descendentes desses casamentos, que é um casamento misto entre uma linhagem piedosa e uma linhagem ímpia, por que os descendentes deveriam ser os *Nephalim* e *Giborim*. Essas são transliterações do hebraico para os gigantes no versículo 4. Havia gigantes, isso é *Nephalim* em hebraico. E então a última parte do versículo: “Eles lhes deram filhos; os mesmos se tornaram homens poderosos”, isto é *Giborim*, que eram ambos homens de renome, ou homens de nome, mais literalmente “homens de nome”. Por que os descendentes de um casamento misto deveriam ser esses tipos de indivíduos? Voltarei a discutir esses termos com mais detalhes quando examinarmos nossa quarta visão. E essa é a visão da realeza divina.

d. Visão da Realeza

Existem dois artigos lá que também estão em sua bibliografia. Na sua bibliografia, página 10, cerca de dois terços abaixo, temos o artigo de Kline no *Westminster Theological Journal*: “Divine kingship in Genesis 6:1-4” e LeRoy Burney, “An Exegetical Study of Genesis 6: 1-4” no *The Journal of the Evangelical Theological Society* em 1970. A tese básica desta visão é que os filhos de Deus é melhor traduzido como “filhos dos deuses”. *Elohim* é plural, pode ser traduzido no singular ou no plural, dependendo se você o toma como uma referência ao Deus de Israel ou às divindades hebraicas. É melhor traduzido como “filhos dos deuses” e interpretado em conexão com a antiga ideia do Oriente Próximo de realeza divina. Portanto, o que seria referido aqui são os reis pré-diluvianos. Os filhos dos deuses eram seres humanos que eram reis, mas são designados aqui como filhos dos deuses. As filhas dos homens seriam simplesmente filhas dos homens em geral e o pecado é a poligamia.

Agora vamos ver isso como a tese básica. No artigo de Burney, página 47, ele discute o costume generalizado de se referir aos reis como filhos de vários deuses. E ele

disse que no Egito o rei era chamado filho de Re, o deus do sol. O rei Sumero -Acadian era considerado filho da deusa e um dos deuses, e se referia estritamente ao rei como filho dos deuses. O rei hitita era chamado de filho do deus do tempo. O título de sua mãe era “mãe do deus”. No noroeste semítico comumente, o rei era chamado diretamente de “o filho do deus”. O deus era chamado de pai do rei. O texto refere-se aos deuses como o pai do rei e diz que o rei é filho de Baal ou filho de deus. Assim, com base no uso semita, o termo *bene ha'elohim*, os filhos do deus, ou filhos dos deuses, muito provavelmente se refere a governantes dinásticos, com base em evidências de costumes antigos do Oriente Próximo em geral. As filhas dos homens seriam apenas filhas em geral. O pecado foi a poligamia.

Você percebe no versículo 2: “Os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram formosas. Eles tomaram para si esposas de todas as que escolheram.” Eles tomaram para si esposas de *todas* as que escolheram. E a questão aí é como você entende a preposição “de”? No hebraico, a preposição, aqueles de vocês que já aprenderam hebraico, é *min*. “Eles tomaram para si esposas *de* todas as que escolheram”, *min*, traduzido aqui como “de”. Agora, a interpretação normal é considerar *min* ou “de” como partitivo. Eles escolheram o que quiseram, em outras palavras, sem levar em conta o status espiritual ou qualquer coisa desse tipo. Eles pegaram o que quiseram. Essa seria a ideia da visão anterior, a visão do casamento misto. A compreensão do *min* ou do “de” nesta visão da realeza divina é que é explicativo, mesmo tudo o que eles escolheram. Eles tomaram esposas no sentido – mesmo de todas que escolheram – eles tomaram quantas esposas quiseram. Não é a ideia partitiva, mas é uma ideia explicativa, “quantas quiserem”.

Agora, contextualmente isso tem alguma base porque você volta a Gênesis 4:23, “Lameque disse às suas esposas”, plural. Sabemos que Lameque teve mais de uma esposa. Além disso, você tem em 6:1: “Aconteceu que os homens começaram a multiplicar-se ou a tornar-se numerosos sobre a face da terra”. Talvez esta poligamia estivesse ligada à multiplicação da população. Isso é um pouco mais remoto. Mas então, indo um pouco mais longe, se esta é a explicação do que era o pecado, a poligamia, então

a questão era que os reis divinos tomavam quantas esposas quisessem. Você também tem uma explicação para o uso desses termos no versículo 4: “Os *Nephalim* , *Giborim* , homens do mesmo nome, os descendentes dessas uniões foram esses homens poderosos”. Eles eram esses príncipes nessas famílias desses reis que tinham poder e eram reconhecidos como tal. O termo *Nephalim* que é traduzido como “gigantes” é um termo muito difícil de traduzir. A etimologia é contestada. Se você procurar o termo no *Theological Wordbook of the Old Testament* - não sei se você está familiarizado com esses dois volumes - editado por RK Harrison e Bruce Waltke, que lista palavras hebraicas e depois fornece artigos discutindo o significado e usar. Agora, veja, é um termo muito evasivo no que diz respeito a definir seu significado. Talvez a estatura gigantesca faça parte do círculo de significado, mas parece que o sentido mais forte é que provavelmente é essa ideia de uma pessoa do tipo guerreiro. É difícil definir. É por isso que a NVI nem sequer traduz. Ok, bem, essa é a ideia básica para a compreensão da realidade divina do que estava acontecendo em Gênesis 6:1-4 e qual era o pecado.

Fator de violência

Então agora a visão mitológica, eu realmente não considero viável, mas das outras três, você tem a ideia de que o pecado é a relação sexual entre anjos e mulheres, ou é um casamento misto entre pessoas piedosas e ímpias. , ou é esta relação poligâmica destes chamados reis divinos – estes líderes destas cidades-estado que produzem esta violenta classe guerreira de príncipes que aterrorizaram as pessoas circundantes. Leia os versículos 12 e 13: “Deus olhou para a terra e eis que está corrompida, pois toda a carne corrompeu o seu caminho na terra. Deus disse a Noé: 'O fim de toda a carne chegou diante de mim, pois a terra está cheia de violência por meio deles.’” Aí você tem referência à violência: “A terra está cheia de violência.” Essa violência remonta a esses *Nephalim* , *Giborim* , homens com esse nome, possivelmente. Agora, este texto é um texto difícil. Penso que é muito difícil ser dogmático e dizer que só existe um destes entendimentos possíveis que é o correto. E acho que tentei dar uma ideia básica dos três, e não vou forçar um ou outro. Minha própria inclinação é para a última, a visão da

realidade divina. Obviamente, há casos nas Escrituras em que anjos assumem a forma de seres humanos. Isso é verdade. Mas então é um grande passo dizer que eles eram capazes ou estavam interessados em relações sexuais com mulheres humanas. Este seria o único exemplo disso nas Escrituras, se é que é isso. É possível. Eu não descartaria isso e diria que não é possível.

5. Historicidade do Dilúvio

Tudo bem, vamos para a época do dilúvio. Não vou falar muito sobre isso. Esse é o número 4. Já discutimos isso anteriormente e já mencionei isso várias vezes. A única maneira de estabelecer a hora do dilúvio é usando as genealogias. Na verdade, você teria que usar a genealogia, não Gênesis 5, mas teria que começar com a genealogia em Gênesis 11, porque a razão é que você tem que trabalhar de volta a partir de pontos fixos cronologicamente, com os quais você realmente começa no período do reino de Israel. Você tem que trabalhar desde a época do êxodo, e desde o êxodo até os patriarcas, o que você pode fazer aproximadamente. E então você vê que você teria que levar Gênesis 11 de Abrão de volta a Noé e usar a genealogia de Gênesis 11 e dizer, aqui o dilúvio ocorreu em tal e tal data. Discutimos isso anteriormente, que isso simplesmente não pode ser feito. Na verdade, se você somar esses números, terá apenas 292 anos entre o dilúvio e Abraão, e há tanta coisa que deve ter acontecido, e há tantos dados históricos que conhecemos que não cabem aí, mas estamos resta concluir que deve haver lacunas, o que é característico das genealogias bíblicas em geral, então não há como fixar essa data.

Tudo bem. 5. É, “A historicidade do dilúvio”. O que quero falar aqui é toda a questão da origem e do caráter da história bíblica do dilúvio. Não creio que possamos questionar que o relato bíblico pretenda ser entendido como algo que realmente aconteceu: um acontecimento histórico. Em outras partes das Escrituras, o dilúvio é mencionado no sentido de algo que aconteceu. Mateus 24:37 diz: “Mas, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Porque, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos,

assim também acontecerá. seja a vinda do Filho do Homem.” Essa comparação ou analogia certamente pressupõe que o dilúvio foi algo que realmente aconteceu. Em Hebreus 11:7, você lê: “Pela fé Noé, avisado por Deus das coisas que ainda não se viam, reinou com temor e preparou uma arca para a salvação de sua casa”. Então, em 2 Pedro 2, você lê que “Deus não poupou o mundo antigo, mas salvou Noé, a oitava pessoa e pregador da justiça, trazendo o dilúvio sobre o mundo dos ímpios”. Capítulo 3 de 2 Pedro, novamente você tem uma alusão: “Pelo qual pereceu o mundo que então estava sendo inundado em águas”. Portanto, parece claro que a Bíblia representa isto como algo que realmente aconteceu.

Histórias do Dilúvio Babilônico Contra sua historicidade, muitas pessoas utilizaram histórias relacionadas entre outros povos, particularmente os babilônios, e por causa da semelhança entre a história bíblica e as histórias extra-bíblicas, chegou-se à conclusão de que a história bíblica é apenas uma versão modificada. versão da história da Babilônia. Tenho certeza de que você se lembra da declaração de Finegan nesse sentido, na página 36. Finegan diz, depois de discutir a história do dilúvio na Babilônia: “Essa é a antiga história do dilúvio na Babilônia, que foi purificada de seus elementos politeístas e sobreviveu entre os israelitas. As duas fontes estão agora entrelaçadas em uma única história comovente em Gênesis 6:5 a 9:17.” E ele diz com bastante naturalidade que a história bíblica é simplesmente uma adaptação da história babilônica. Diz-se que a história babilônica surgiu de uma inundação fluvial particularmente grave, que foi embelezada e lembrada da maneira como a encontramos agora. Portanto, se você adotar esse ponto de vista, certamente colocará em risco a historicidade da história bíblica.

Agora, o que é surpreendente é que, quando você compara as histórias bíblicas e do dilúvio na Babilônia, o que é impressionante é que há muitas semelhanças. Na verdade, pode-se dizer que o esqueleto das duas histórias é praticamente idêntico. Agora tentei delinear isso com estes oito pontos. Tanto na história bíblica quanto na babilônica, você tem um grande dilúvio ocorrendo e ceifando quase toda a vida humana. Então, a primeira é: “Uma grande inundação tira quase toda a vida humana”. Em segundo lugar,

algumas pessoas são poupadas, juntamente com alguns animais, por meio de um navio. Você encontra isso na história bíblica e também na história babilônica. Em terceiro lugar, as pessoas, tanto na história bíblica como na história babilônica, são informadas de antemão, através da revelação divina, do perigo que está por vir. Em quarto lugar, a instrução divina era construir uma arca ou barco. Em quinto lugar, esta arca ou navio tinha várias histórias, em ambos os relatos. Em sexto lugar, o navio parou numa montanha no final do dilúvio. Em sétimo lugar, as pessoas no navio verificaram as condições externas, soltando vários pássaros. Essa é uma maneira bastante impressionante de determinar isso, mas é feita em ambos os relatos. Depois, em oitavo lugar, o povo ofereceu um sacrifício a Deus após ser libertado do navio. Então, se você pegar esses elementos, que são os elementos primários da história, você encontrará esses elementos primários em ambos os relatos. Agora existem variações. Você tem semelhança na estrutura, mas muita variação nos detalhes. Ilustrarei isso em alguns minutos, mas você não só tem a mesma estrutura de variações e detalhes, como também tem várias versões das histórias do dilúvio na Mesopotâmia.

Você tem uma versão samaritana, em que o herói que corresponderia a Noé na história bíblica é um homem chamado Ziusudra. Temos o épico de Gilgamesh, que Finegan discute com algum detalhe, no qual o herói correspondente a Noé é Utnapishtim. E há outra versão de um tipo de história babilônica acadiana, chamada de épico de Atrahasis, na qual Atrahasis é o herói da história. Portanto, há uma série de versões da história do dilúvio na Mesopotâmia. Basicamente, todos eles têm a mesma estrutura, embora esta estrutura que repeti aqui seja tirada principalmente do épico de Gilgamesh. Devemos concluir que deve haver algum tipo de relacionamento, se você tem esse tipo de estrutura, que é tão próxima no material bíblico e extra-bíblico, deve haver algum tipo de relacionamento.

Diferenças entre as histórias bíblicas e babilônicas do dilúvio Antes de examinar essa questão, deixe-me dar uma ideia de como eu disse que você tem a mesma relação estrutural, mas diferenças nos detalhes - um detalhe que acabamos de mencionar, o cubo

no épico de Gilgamesh, que não está na história bíblica. Mas deixe-me dar alguns exemplos de semelhanças e diferenças. Vamos começar com isso – comece com a arca. A semelhança é que o herói de ambas as histórias é instruído a construir um grande navio, por meio do qual seria libertado. Ambos os relatos fornecem detalhes de tamanho e construção, incluindo o uso de material betuminoso para torná-lo estanque. Ambos falam sobre isso. Mas então, no que diz respeito às diferenças, no épico de Gilgamesh, Utnapishtim disse que forneceu ao seu barco seis conveses. E então ele dividiu o espaço em nove seções. Também foi fornecido com porta e pelo menos uma janela. Agora, se você comparar isso com a história bíblica, a arca de Noé tinha três histórias. Você vê isso em Gênesis 6:16, onde você lê: “Quando você fizer a arca, em um côvado a terminará acima, e a porta da arca porá dentro dela, com segundo e terceiro andares inferiores você deverá Faça.” Então você tem seis histórias em um e três histórias no outro.

Se você observar as dimensões, Gênesis 6:15 diz que a arca tinha 300 côvados de comprimento, 50 côvados de largura, 30 côvados de altura - 300 côvados de comprimento, 50 côvados de largura e 30 côvados de altura. Isso é Gênesis 6:15. Se o cúbito corresponde à distância da ponta do dedo médio até o cotovelo, é cerca de 18 polegadas, que geralmente é a forma que se calcula, a arca tinha cerca de 450 pés de comprimento, 75 pés de largura e 45 pés de altura. É um barco de bom tamanho, mais comprido que um campo de futebol. 75 pés de largura, 45 pés de altura. Deslocamento de 43.000 toneladas. É interessante que a construção naval moderna segue as mesmas proporções do comprimento, largura e altura que você encontra na arca. Mas você compara essas dimensões com a nave de Utnapishtim na Epopéia de Gilgamesh. Seu barco era um cubo exato, como foi mencionado aqui, medindo 120 côvados de lado. No relato de Barosis sobre o dilúvio da Mesopotâmia, seu navio tinha 3.000 pés de comprimento e 1.200 pés de largura. Então aí você entra nesses tipos de números astronômicos. Mas o que quero dizer é que você tem uma semelhança impressionante, e aqui ele disse para construir este barco, mas em torno dessa semelhança há pontos de diferença. Existem muitas diferenças nos detalhes. Cada ponto que você analisar aqui, você encontrará o mesmo tipo de coisa. Apontando para semelhança, mas muitos

aspectos dela em detalhes que diferem.

Vejo que já passei do tempo. Darei mais algumas ilustrações disso no início da próxima hora e depois discutiremos: o que fazemos com a semelhança? Como explicamos a semelhança?

Transcrição de Kristen Beebe
Editado por Ted Hildebrandt
Edição final por Rachel Ashley
Re-narrado por